

BROTAS

PMS	FMLI	DETER
BIBLIOTECA		
A Tarde		
25/09/05		
Política	18	
Bairro		

Brotas sofre com roubos e furtos

O bairro, populoso e estrategicamente localizado, exige ações específicas das equipes de repressão e investigação

CRISTOVALDO RODRIGUES

Adalgisa Maria Silva Castro, a "dona Gisa", proprietária da Levitar Móveis, localizada na Avenida D. João VI, Brotas, já foi assaltada duas vezes em sua loja. Na primeira, um assalto à mão armada, que envolveu, além dela, alguns clientes que faziam compras no momento. Na segunda ação, a loja foi arrombada. Os dois casos são recentes. Foram registrados em julho. Dona Gisa, porém, não se sente "privilegiada". Em volta de sua loja, relata, os assaltos são constantes.

"Eu sei que o bairro tem uma Companhia da Polícia Militar, que fica na Rua Alípio Franca, aqui pertinho, e a 6ª Delegacia, nos Galés, mas acho que o número de policiais é insuficiente para patrulhar o bairro", afirma. Em seguida, aponta para bares, restaurantes, mercadinhos e outras lojas da avenida que já foram roubados, frequentemente mais de uma vez. "No meu caso, por exemplo, ninguém foi identificado ou preso em nenhuma das ações."

Para Adalgisa, a violência no bairro é sintoma do crescimento de Brotas nos últimos anos. "O aumento do efetivo da polícia não acompanhou o da população", afirma. Dados da Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador (Conder) apontam que a população de Brotas já está pouco acima de 150 mil habitantes. Em 1990, era menor que 120 mil.

ARTÉRIA - Muito dessa população mora e circula ao redor da Avenida Paulo VI. Na artéria, que começa no Viaduto de Brotas, em Pitangueiras, e termina na Cruz da Redenção, existem centenas de estabelecimentos comerciais, de pequenos shopping centers a hospitais, passando por agências bancárias, clínicas, lojas de todos os gêneros, escolas públicas e particulares.

Muitos desses estabelecimentos contam com seguranças particulares, que ficam nas portas



Além de reunir mais de 150 mil moradores e comerciantes, área é ponto de passagem para várias regiões

fazendo a proteção. Outros, a exemplo da Levitar Móveis, de Adalgisa, não. "Se eu pago os impostos, não posso pagar um segurança. Só espero não ter mais uma arma apontada para a minha cabeça, em plena luz do dia, ou ser roubada por pivetes", desabafa.

Policiais civis e militares da 6ª Delegacia garantem que existe um forte trabalho de prevenção e investigação na região, mas que não atende aos anseios dos moradores. "Todos querem resultados imediatos na solução de cada crime, mas é difícil. Por isso, a população desanima. Hoje em dia, é comum ver casos em

que pessoas são assaltadas e deixam de fazer o boletim de ocorrência, por achar que não vai haver solução", reclama um dos policiais da 6ª Delegacia, que fazia a ronda sexta, no bairro, e preferiu não se identificar. "Ainda assim, só de roubos e furtos de celulares há centenas de registros este ano. Só nos últimos dois dias, foram 12 registros."

Muitos desses roubos ocorrem dentro de ônibus, o que preocupa os agentes do bairro. "A gente costuma registrar de três a quatro assaltos a coletivos por semana", aponta o major David Britto Carvalho, comandante da 26ª CIPM, que

cobre a região. "Um dos nossos focos de atuação neste momento é coibir essa modalidade de crime."

OPERAÇÕES - O comandante reconhece que a situação em Brotas é difícil de ser administrada. Ele destaca que, se o bairro não é tão grande como Cajazeiras e Liberdade, é complexo, por causa de sua localização estratégica. "Somos ponto de passagem de toda a cidade. Para se ter uma idéia, nos 6 quilômetros quadrados que Brotas tem, há 36 entradas e saídas de veículos, para todas as outras regiões da cidade. Isso

sem falar das escadarias, que interligam os microbairros de Brotas e só são acessíveis a pé."

O comandante acrescenta que, por misturar pessoas de todas as camadas sociais, o bairro tem diferentes problemas de criminalidade, dependendo dos pontos em que se está. "Na maioria das regiões, a atuação da polícia está mais focada na repressão e na investigação de crimes contra o patrimônio, como roubos e furtos. Há outras, porém, em que o foco da ação está no combate ao tráfico de drogas. É o caso, por exemplo, das áreas de invasão, como a Polêmica."

FOTOS: HAROLDO ABARNTES

Contingente é pequeno para a região

Mesmo com os esforços, os próprios membros da corporação reconhecem que é difícil monitorar todo o bairro com o contingente que conta. São 60 policiais civis na 6ª Delegacia — que responde não só pelo bairro de Brotas, mas também por Cosme de Farias, Avenida Bonocô, uma parte da Avenida Vasco da Gama, o Dique do Tororó, e parte da Fonte Nova — e de 50 a 55 policiais militares, segundo o major David Carvalho.

"É claro que a gente não pode estar em todos os lugares. O assaltante atua aproveitando-se das oportunidades. Enquanto o policial está no local, ele se mantém à distância. Quando ele percebe que o agente se afasta, ele age", comentou um dos policiais de ronda, ontem.

Os agentes policiais afirmam que moradores e comerciantes podem ajudar a evitar a ação dos criminosos com medidas simples. No caso das lojas, eles aconselham que o caixa dos estabelecimentos deve ficar longe da porta de entrada. Da mesma forma, os responsáveis pelos pontos comerciais não devem, nunca, ficar instalados de costas para a rua — a observação do movimento tem de ser constante.

Para quem circula pelo bairro, as dicas são evitar deixar o vidro dos carros abertos, não deixar objetos de valor à vista nos veículos, não ficar dentro de um carro estacionado e, ao transitar a pé, não deixar celular e carteira expostos.

SERVIÇO

26ª CIPM - Tel.: (71) 3116-5106 ou 3116-5107

6ª Delegacia - Tel.: (71) 3117-6350 ou 3117-6351



Trecho da Avenida D. João VI, a artéria central do bairro

Divisão por áreas facilita cobertura

Mostrando o mapa do bairro, o major David Carvalho conta que, quando chegou ao local, há pouco mais de três anos, teve de separar o bairro por áreas de atuação, para conseguir atender às demandas específicas de cada região. "Intensificamos as operações no Vale do Ogunjá, no Buraco da Gia, na Avenida Valdemar Falcão, na Daniel Lisboa, na Candêal, em Acupe de Brotas, em Campinas de Brotas, no Jardim Caiçara e na invasão da Polêmica. Eram pontos em que a polícia estava notando crescimento dos índices de tráfico de drogas, de assaltos e, até, de assassinatos."

Carvalho lembra que o Comando de Policiamento da capital vem desenvolvendo a Operação Munzua, fazendo abordagens a motoqueiros, taxistas e nos coletivos como forma de repressão. Na ação, cada Companhia Independente conta com o apoio dos policiais

que integram a Operações Gêmeos, o Esquadrão Águia e as Rondas Especiais (Rondesp).

No caso de Brotas, as ações são focadas nas rondas, que começam pelo Vale do Ogunjá, passam pelo Engenho Velho de Brotas, pelas avenidas D. João VI e Daniel Lisboa e vão até Campinas de Brotas e adjacências. "Esse trabalho tem dado resultado positivo no combate ao tráfico de drogas e aos assaltos. Na quinta-feira, por exemplo, prendemos quatro pessoas com armas de fogo na ronda", diz o oficial.

De acordo com Carvalho, o patrulhamento ostensivo é feito por duplas de policiais, um homem e uma mulher, e por viaturas que passam 24 horas pelas vias consideradas mais perigosas do bairro. "Procuramos atacar os pontos onde os crimes ocorrem com mais frequência" revelou o oficial.

Dez assaltos e três arrombamentos em um ano

O comerciante José Carlos Falcão Cabral, 47 anos, cansou de ter prejuízo em seu estabelecimento. Não aquele causado por falta de clientes ou por má administração, mas o que surge em consequência dos seguidos assaltos e arrombamentos. "Quase fui à falência", lembra. "Em pouco mais de um ano, minha padaria foi assaltada dez vezes e arrombada outras três. Tive de trabalhar muito e contar com a confiança dos clientes para não quebrar."

Cabral montou a Panificadora Pão Line, na Rua Teixeira de Barros, uma das mais movimentadas do bairro, há nove anos, depois que o banco em que trabalhava havia 20 anos foi à falência. "Botei todas as minhas economias no novo negócio", lembra. "Depois que começaram os assaltos, passei a tentar várias coisas para evitar as ocorrências. Até alarme coloquei na loja, mas além de a manutenção do equipamento ser cara, não impedia a ação dos ladrões."

"Em determinado momento, a situação ficou tão grave que sofri dois assaltos a mão armada em dois dias seguidos. Tive de chamar o delegado, à época. Ele veio e ficou sentado dentro da padaria, esperando uma nova ação dos ladrões", lembra.

Para tentar acabar com os roubos, Cabral resolveu apelar para a segurança particular, há um ano. Além disso, colocou cães na área externa do estabelecimento, para desestimular também os arrombamentos. "Minha loja já foi invadida pela frente, pelos fundos... Precisei tomar uma providência."

Hoje em dia, o comerciante considera-se em situação melhor que muitos de seus pares. "Desde que tomei essas atitudes, só foi assaltado uma vez", comemora, timidamente. "O problema é que as ações são só preventi-



A Pão Line teve de contratar serviços de segurança particular e colocar cães no terreno

vas. Quando os assaltantes conseguem entrar na loja, não há nada mais que possa ser feito."

Castro também lamenta a falta de integração de comerciantes e moradores do bairro sobre a questão da segurança. "A gente já tentou, algumas vezes, montar comissões e associações, mas os grupos acabam se desfazendo com o tempo", acredita.

O comandante da 26ª CIPM, que atende a região, afirma que a companhia está aberta a discutir os problemas do bairro com a população. "Estimulamos a realização periódica de reuniões com os moradores e comerciantes", diz.



Sede da 26ª CIPM: comandante diz incentivar reuniões